

FACULDADES INTEGRADAS DE DIAMANTINO
RODRIGO CAMPOS MIQUELIN

DOCENTES EM NÍVEL SUPERIOR: PRÁTICAS E AS DOENÇAS OCUPACIONAIS

DIAMANTINO

2018

FACULDADES INTEGRADAS DE DIAMANTINO
RODRIGO CAMPOS MIQUELIN

DOCENTES EM NÍVEL SUPERIOR: PRÁTICAS E AS DOENÇAS OCUPACIONAIS

Trabalho de conclusão de curso – Artigo Científico, apresentado a FID – Faculdades Integradas de Diamantino, em cumprimento às exigências para a obtenção do certificado de conclusão de Pós-graduação em Docência Superior.

DIAMANTINO

2018

DOCENTES EM NÍVEL SUPERIOR: PRÁTICAS E AS DOENÇAS OCUPACIONAIS

RODRIGO CAMPOS MIQUELIN¹

ENF. ALCIONE OLIVEIRA DE SOUZA²

RESUMO

Este estudo aborda as práticas docentes no Ensino Superior, observando as didáticas e o desenvolvimento das tecnologias aplicadas, refletindo no índice de DORT'S. Possui como objetivo demonstrar o impacto das ações e da sobrecarga nos professores do Ensino Superior, através de aplicação de questionário de avaliação de dor modificado. A pesquisa foi realizada entre outubro e dezembro de 2017, seguindo os seguintes critérios, ser docente do Ensino Superior nas Faculdades Integradas de Diamantino e exercer outro vínculo profissional no Ensino Médio ou Fundamental. Sendo assim, compreendendo os tipos doenças que dificultam a evolução da didática como facilitadora, como também avaliar a prática do docente que descende desta modalidade, identificando as vantagens e desvantagens das metodologia e mecanismos que viabilizam a qualidade do ensino. Esta pesquisa qualitativa apoia-se em revisão bibliográfica, como livros, artigos científicos e periódicos pertinentes ao tema. As dores que cercam a docência no Ensino Superior acompanham os avanços exigidos pelo sistema educacional, portanto, um sistema de informação, comunicação, acompanhamento laboral para o desempenho das atividades beneficia as práticas pedagógicas, resultando na assiduidade.

Palavras-chave: Docência no Ensino Superior. Dort's. Doenças Ocupacionais.

EVIDENCE OF DORTS IN TEACHERS OF HIGH LEVEL

ABSTRACT

This study approaches the teaching practices in Higher Education, observing the didactics and the development of the applied technologies, reflected in the DORT'S index. It aims to demonstrate the impact of the actions and the overload in the teachers of Higher Education, through the application of a modified pain assessment questionnaire. The research was carried out between October and December of 2017, following the following criteria, being a teacher of Higher Education in the Integrated Faculties of Diamantino and exercising another professional bond in High School or Fundamental. Therefore, understanding the types of illnesses that hinder the evolution of didactics as a facilitator, as well as evaluating the practice of the teacher that descends from this modality, identifying the advantages and disadvantages of the methodology and mechanisms that enable the quality of teaching. This qualitative research is based on a bibliographical review, such as books, scientific articles and periodicals pertinent to the theme. The pains that surround teaching in Higher Education follow the advances required by the educational system, therefore, an information system, communication, labor monitoring for the performance of activities benefits the pedagogical practices, resulting in attendance. **Keywords:** Teaching in Higher Education. Dort's. Occupational Diseases.

¹ Aluno Fisioterapeuta CREFITO 176125F – rodrigo_miquelin@hotmail.com especialista em ortopedia traumato desportivo pela INSPIRAR – CUIABA MT, Pós graduando Docência Universitária pela FID-Faculdades Integradas de Diamantino - DIAMANTINO MT

² Professora do IFPR-SIAPE: 2419348 emails institucional: alcione.souza@ifpr.edu.br especialista em saúde pública e nefrologia e mestra em promoção da saúde pela UNICESUMAR – MARINGÁ PR

INTRODUÇÃO

Frente a inúmeras transformações que a sociedade vem sofrendo devido à globalização e a evolução tecnológica, o Ensino Superior ampliou significativamente sua presença em diversos ramos de formação e atualização profissional nos últimos anos. As novas abordagens didáticas e a disposição de cursos através da internet têm crescido a cada dia se beneficiando com novas abordagens e novo mecanismo de aprendizagem.

No entanto, para que este crescimento ocorra de forma significativa, o volume e as condições de trabalho do docente aumentaram, excesso de turmas e conseqüentemente alunos, demanda de atividades e processos, que resultam na sobrecarga do professor e reduzindo consideravelmente a qualidade de vida destes.

Sendo assim, este estudo objetiva demonstrar as práticas didáticas, as novas abordagens de ensino, com foco na evidência da DORT'S em professores do Ensino Superior, voltado a exemplificar, na qualificação para o exercício da profissão e a autocrítica. Portanto, as novas estratégias do sistema educacional têm favorecido o surgimento de doenças ocupacionais mesmo com a revisão das práticas didáticas?

Considerando a evolução das metodologias de ensino e suas tecnologias, tudo indicaria melhor qualidade de ensino e do magistério, possibilitando novas formas de trabalho, reduzindo giz e lousa, porém a realidade mercadológica do ensino superior reforçou as dificuldades enfrentadas pelos docentes, ampliaram as possibilidades de estudo, com o avanço da educação à distância, aumentaram o número de cursos e reduziu a carga horária de cada disciplina, acarretando no maior número de turmas, conseqüentemente aumentou o número de alunos, menos tempo para trabalhar o amplo conteúdo, excessos de procedimentos e não preocupação com o docente.

O docente passou a reduzir seu tempo para questões pessoais, família, lazer e começou a lidar com o reflexo destas modificações, questionando-se sobre suas práticas metodológicas e culpando-se, mas sem apoio funcional para compreender que estava certo de suas didáticas e que a problemática é outra. Com

isso, começam a aparecer sentimentos conflituosos, dores, doenças que vão dificultar e até impossibilitar o exercício da docência.

Utilizou-se de revisão bibliográfica para fundamentar este estudo, livros, artigos científicos, e periódicos pertinentes ao tema, sendo assim, analisando e interpretando diversos materiais, de diversas fontes para validar este material.

Portanto, esta pesquisa busca evidenciar as doenças ocupacionais que cercam os professores do ensino superior, apresentando um conjunto de práticas metodológicas e a evolução das tecnologias, visando esclarecer a trajetória do docente. Assim, fortalecendo o entendimento sobre as doenças apresentadas e relacionando-as com as vivências.

1. PRÁTICAS DOCENTE ENSINO SUPERIOR

Este capítulo traz a reflexão sobre as práticas do docente no ensino, destacando o conhecimento das metodologias e demonstrando a importância em conhecê-las para compreender que muitos destes métodos auxiliam na redução das doenças ocupacionais no magistério.

Sendo assim, apresenta-se para elucidar mecanismo de trabalho que favorecem a atuação do professor e podem auxiliar o desenvolvimento das atividades em sala. Essa revisão busca também, proporcionar ao leitor um diálogo consigo e desmistificar a trajetória.

1.1. Novas abordagens no Ensino Superior

A prática do professor deve estar vinculada com a formação da competência humana para a autonomia do sujeito. Sendo assim, ela deve ser vista como um processo que ocupa inúmeros espaços tanto presenciais quanto virtual. Essa competência, de acordo com Santos e Alves (2006), compreendem-se como tomar iniciativa e assumir responsabilidade do indivíduo num contexto de compartilhamento de informações e de interatividade.

A ação de ensinar exige do professor uma contínua reflexão crítica sobre as suas práticas cotidianas devendo estar inserido no processo de formação a fim de desenvolver os conhecimentos, buscar novos saberes, aprender novos mecanismos de ensino e os instrumentos de reflexão.

Silva (1991, p.54) ressalta um questionamento importante sobre a prática docente:

[...] quantos são os professores brasileiros que ao iniciarem o magistério, efetivamente sabem o que e como ensinar? Quantos são corretamente preparados para analisar as consequências de suas ações e do seu trabalho em uma escola? Quantos têm uma vivência com crianças reais historicamente situadas? Eu diria que poucos, muito poucos... Devido ao caráter excessivamente teórico e livresco dos nossos cursos de preparação e formação de professores.

De acordo com Pimenta (2006, p.83) a essência da atividade (prática) do docente é o ensino aprendizagem. Ou seja, é o conhecimento técnico, prático de como garantir que a aprendizagem aconteça como consequência da atividade de ensinar.

Para Kenski (2003) de fato a formação dos docentes carece tanto da prática como da teoria. Pelo exposto identifica-se que nessa relação o professor constrói de forma colaborativa com o aluno.

Se a relação teoria e prática são importantes na construção do conteúdo específico, essa mesma relação torna-se imprescindível em relação ao domínio dos saberes integradores. Agora, a prática se dá na escola, nos estágios dos cursos de graduação, onde os professores vão procurar estabelecer um vínculo bastante forte entre o saber e o saber fazer. (KENSKI, 2003, p.113-114)

Nogueira (1998) complementa:

É por meio da relação teoria/prática, presente na concepção da formação do professor reflexivo, que é possível criar oportunidades para registrar os saberes da docência, forjados no e pelo cotidiano escolar, de salientar atitudes e valores éticos tão pouco oportunizados e vivenciados na educação tradicional e na sociedade contemporânea. (NOGUEIRA, 1998, p.52).

Devido essa nova situação o docente precisa perder a sua posição de mestre e assumir a posição de parceiro, tornando um ambiente colaborativo, ou seja, propício a uma grande interação entre docentes e discentes e entre os próprios alunos.

É fundamental que as tecnologias sejam vistas como ferramentas cognitivas, que proporcionam a interação, trocas, cooperação entre os pares, o trabalho em grupo, pois somente as tecnologias não causam as mudanças pedagógicas (presencial ou à distância), mas a forma como são aplicadas.

De acordo com Pimenta (2006, p. 120) a prática docente é,

A tarefa de ensinar desde a organização, análise e decisão dos processos de ensino em aula, na escola, até a organização, análise e decisão de políticas de ensino e os consequentes resultados dessas no processo de educação enquanto humanização constitui a especificidade do trabalho profissional do professor.

É importante repensar as formas de ministrar aulas, as quais implicam na articulação de diferentes linguagens, de diferentes realidades, de espaços e tempos escolares e não escolares.

1.2.1. Didáticas modernas e tecnológicas

A utilização de recursos tecnológicos como didáticas facilitadoras na prática educacional pode ser visto atualmente como uma atividade comum. Ao analisar a questão de forma ampla, pode-se perceber que a utilização de recursos tecnológicos em aula não é algo recente, as unidades de ensino estão atentas à evolução dos estudantes e das ferramentas por eles utilizadas para a busca de informação, atentos aos comportamentos dos alunos e da sociedade, visando maximizar as metodologias educacionais.

Observando as inúmeras possibilidades de uso da realidade (aprendizagem prática) compreende-se que não é possível viver sem a interação com as tecnologias. A evolução tecnológica avança consideravelmente e sua aceitação é extremamente vantajosa para o processo educacional.

Exibindo em elementos virtuais, com interface avançado de computador, em tempo real e com visualizações de diversas áreas do mundo, oferece ferramentas de aprendizado com alto grau de interatividade e com forte potencial de aplicações. (KIRNER & TORI, 2004)

A aplicabilidade das tecnologias por parte dos docentes da no ensino superior em alguns estados, encontra se estruturada nas próprias Diretrizes Curriculares, visto no DCE 2008 que “(...) a escola deve incentivar a prática pedagógica fundamentada em diferentes metodologias, valorizando concepções de ensino de aprendizagem (internalização) e de avaliação que permitam aos professores e estudantes conscientizarem se (...)” (DCE, 2008, p 15).

A utilização das tecnologias no ensino possibilita aos professores uma nova maneira de concepção na forma de ensinar, podendo assim maximizar a compreensão e capacidade do estudante, tornando assim sua aplicação uma maneira vantajosa no ensino, possibilitando também estudos interdisciplinares e em conjunto.

Observando de modo nacional, os PCNs possuem em si que utilização destas novas tecnologias no ensino deve ser desenvolvida. Atualmente, a aplicação das tecnologias para o docente pode ser uma forma mais trabalhosa para vir a desenvolver, mas tornando os estudantes mais concentrados, analíticos e interessados aos conteúdos, pois estes estímulos atuam como ferramentas dentro de seu cotidiano, visto o aumento do envolvimento dos estudantes com mecanismos virtuais.

A dificuldade na informação é um dos grandes fatores que cercam a pouca aplicação das tecnologias dentro do ensino, visto que é grande o número de professores que não possuíram este estudo durante sua formação, pois as tecnologias é um mecanismo que há pouco tempo vem sendo aplicada na formação docente, e em nem todas as universidades estão amparadas para desenvolver este estudo devido à formação nesta área estar atualmente se tornando especializada.

Para a atuação do docente é importante destacar que as tecnologias tanto como as demais didáticas estarão apoiando-se em pesquisa, produzindo assim base para os estudos com vídeos, sons, imagens, tabelas entre outras maneiras, o docente como mediador do conhecimento, deve desenvolver as diversas maneiras de aprendizado para estimular cada vez mais o grupo a cristalizar conhecimento.

Por meio de imagens criarem vídeos de definidas áreas, tornando-se protagonistas do aprendizado. Pode-se identificar que esta metodologia busca auxiliar a aula dos docentes, conforme SACRISTÀN.

(...) os aspectos intelectuais, físicos, emocionais e sociais são importantes no desenvolvimento da vida intelectual, levando em conta, além disso, que terão de ser objeto de tratamentos coerentes para que se consigam finalidades tão diversas, ter-se à que pondera, como consequência inevitável, os aspectos metodológicos do ensino, já que destes depende a consecução de muitas dessas finalidades e não de conteúdos estritos de ensino. Desde então, a metodologia e a importância da experiência estão ligadas indissolúvelmente (...) (SACRISTÁN, 2000, p.41).

Ao questionar por que utilizar tecnologias para o ensino, além de uma maneira descontraída de aprendizagem, o aluno se interessará de forma mais espontânea e aplicando seus conhecimentos. O ensino não pode ser desgastante tanto para o docente quanto para estudante, as tecnologias são uma das alternativas que podem ser desenvolvidas, dentre inúmeras outras formas que os professores podem aplicar.

Segundo Lévy (1993, p.37) “quanto mais ativamente uma pessoa participar da aquisição de um conhecimento, mais ela irá integrar e reter aquilo que aprender”. Identifica que, diante das argumentações, que as principais vantagens da Educação a Distância estão ligadas ampla flexibilidade em relação a horários e lugares, ausência de cobrança direta quanto aos fatores de espaço, auxílios às aulas, tempo e ritmo, oportunidade de formação adaptada às exigências atuais, às pessoas que não conseguem frequentar a modalidade tradicional.

A garantia de acesso de qualquer local, tempo e horário viabilizam o trabalho individual e, ao mesmo tempo, facilitam a organização de equipes e o trabalho colaborativo entre alunos que estão muito distantes, às vezes em fusos horários diferentes. (KENSKI, 2007, p.03)

Segundo Kenski (2007) destaca que para o planejamento, organização, desenvolvimento, avaliação e a definição de todas essas atividades, são fundamentais que o docente esteja preparado e qualificado para lecionar a distância. Significando, conforme Oliveira (2006, p.43):

[...] formar comunidades, virtuais ou presenciais, a fim de preparar o professor para aprender a aprender, trabalhar em equipe, partilhar experiências, solucionar conflitos, readequar ações, dominar as diferentes formas de acesso às informações mais relevantes para construir e reconstruir o cotidiano de sua prática como ator e autor da própria prática.

O docente tutor deve possibilitar a participação de todos os discentes, estruturando suas aulas de tal maneira que os permita sentir-se parte integrante do processo de ensino aprendizagem colaborativa e motivando-os a essa integração

para reduzir a evasão, considerada tradicionalmente por Nova e Alves (2003), um dos grandes problemas da Educação a Distância.

Essas tecnologias digitais podem trazer, de fato, um potencial de transformação nas maneiras ensinar e aprender, mesmo que, em grande parte dos casos, ainda virtual.

É nesse sentido que apostamos que as tecnologias digitais podem, não apenas criar novas alternativas para os mundos do trabalho, da economia, do entretenimento, da publicidade, mas também do universo da construção do conhecimento, de forma mais ampla, e da educação, de forma mais específica. E acreditamos que a educação online seja a modalidade de ensino mais apta a se tornar a ponta de lança desse processo. (NOVA e ALVES, p.125-126)

No entanto são vantagens das novas TIC's a proposta de um currículo sem limites, através dos hipertextos, das redes, e o respeito ao ritmo e disponibilidade de tempo de cada discente. Mas a educação a distância ainda tem grandes desafios a trilhar, iniciando pelo custo. O retorno à modalidade de educação a distância só é interessante economicamente se houver muitos discentes e menos docentes.

De acordo Nogueira (2006, p.51) destaca,

Esse desafio se desdobra em três: o professor precisa compreender o hipertexto como mudança paradigmática comunicacional que define a tendência contemporânea da esfera tecnológica; precisa fazer o hipertexto potencializar sua ação pedagógica, sem perder sua autoria diante dele; precisa perceber também que não se trata de invalidar o paradigma clássico.

Segundo Moran (2009),

É baixo o índice de alunos que acessam a Internet deixando de realizar atividades importantes de aprendizagem e mesmo assim são aprovados; a sensação de individualismo e solidão que muitos alunos sentem em cursos só baseados em conteúdo impressos ou na web; a falta de continuidade da gestão em muitos cursos, impedindo o crescimento significativo; uma grande quantidade de marketing em alguns campos, que beira a propaganda enganosa e também a falta de computadores suficientes para atender os alunos nos encontros presenciais.

O autor destaca que o alto índice de evasão nos cursos matriculados, o perigo da homogeneidade dos materiais instrucionais – todos aprendem o mesmo conteúdo, através de um só pacote instrucional, conjugado. O discente precisa saber utilizar as tecnologias utilizadas no curso, pois pode ficar impossibilitado de

comunicar-se com o tutor e com os colegas, gerando dificuldade no esclarecimento de suas dúvidas e na troca de ideias.

Contudo, pode ocasionar um isolamento que é uma desvantagem frente à motivação e persistência. Silva (2003, p.64) esclarece a importância de se tomar providências para abranger o aluno na cultura virtual, dizendo que “o ambiente virtual de aprendizagem deve favorecer a interatividade entendida como participação colaborativa, bidirecionalidade e dialógica, além de conexão de teias abertas como elos que traçam a trama das relações”.

De acordo com Lévy (1993, p.29) as formas de isolamento e sobrecarga cognitiva surgem no ambiente das redes digitais interativas. Segundo o autor, “o fenômeno fundamental é o da interconexão (entre pessoas, ideias, atividades, instituições), e não do isolamento”.

Belloni (1999, p. 163) afirma que “principalmente quando se refere à formação inicial e regular oferecidas pelos sistemas de ensino superior. Quando se trata de formação profissional continuada e de curta duração, a Educação a Distância tende a ser mais facilmente avaliada”.

Sendo assim, Machado (2009, p. 4) cita alguns pontos sobre EAD,

A principal crítica refere-se à qualidade dos cursos [consideração esta que também deve ser levada em conta pelas autoridades e pelo MEC quanto aos cursos presenciais]. O temor existente está associado à ideia de que a centralização das atividades nos computadores e na web, em bases que vão de 60 a 80 % do total da carga horária destes cursos, irá fazer com que os estudantes leiam menos os cânones da Pedagogia e das licenciaturas relacionadas ao exercício da educação.

Kenski (2003, p.122) destaca que “o ensino mediado pelas tecnologias digitais pode alterar essas estruturas verticais (professor > aluno) e lineares da interação com as informações e com a construção individual e social do conhecimento”.

Conclui Moran (2002, p.51), na prática do docente não se pode facilitar só o que é certo, mas desenvolver situações de desafios, de validação de várias opções, pois isso beneficia a pesquisa, a interação e auxilia os estudantes a terem mais responsabilidade sobre sua aprendizagem.

Portanto, as práticas de ensino são ferramentas fundamentais na atuação do docente. A evidencia-se que mesmo com o conhecimento prático-pedagógico da

docência no Ensino Superior, os docentes sofrem com outros fatores que refletem na saúde.

2. DORT'S E DOENÇAS OCUPACIONAIS NA DOCÊNCIA

O comportamento social nascido no capitalismo afetou também o espaço de trabalho do docente, lembrando que mercantilização do ensino tem afetado a saúde física e psíquica dos profissionais da docência. Deve-se também acrescentar que o modelo neoliberal globalizado estipulou um novo parâmetro ao trabalho desse magistrado, acentuando a desigualdade.

Adicione-se aos aspectos apontados as evoluções tecnológicas e os novos mecanismos gerenciais que acarretaram ritmo vertiginoso, ampliou a complexidade e responsabilidade das atividades, bem como o fato de o magistério assumir obrigações do próprio Estado e da família. Todo esse cenário contribui para com o adoecimento do corpo do professor na realização de sua atividade profissional. É o que se estudará neste capítulo.

2.1. Neuroses (transtornos de ansiedade)

Nos últimos anos, a psiquiatria foi afastando o termo “neurose” para “transtornos de ansiedade”, conforme nos explicam Harold I Kaplan; Benjamin J. Sadock e Jack A. Grebb: “transtorno de pânico, agorafobia, fobias, transtorno obsessivo compulsivo, transtorno de estresse pós-traumático, transtorno de estresse agudo, transtorno de ansiedade, transtorno misto de ansiedade e depressão” (KAPLAN; SADOCK, 1994, p. 545).

As neuroses são comuns à classe docente. O surgimento das neuroses está relacionado ao meio ambiente de trabalho mutante e exigente em que atuam os professores. Conforme Amiel-Lebigre: “a neurose aparece quando as exigências do meio ultrapassam as capacidades de adaptação do sujeito, isto é, quando as relações com o meio são insatisfatórias e perturbadoras” (KAPLAN; SADOCK, 1994, p. 545).

Para Zaragoza, “podemos relacionar as difíceis condições em que se exerce a docência com o desenvolvimento de quadros neuróticos” (AMIELLEBIGRE, apud, ZARAGOZA, 1999, p. 155). O autor explica, ainda, que o meio de trabalho, em contínua transformação, exige dos professores rápida adaptação ante as mudanças e isso, especialmente em pessoas de pensamento rígido, acarreta o surgimento da doença.

- Estresse

Zaragoza, ao falar da principal causa do estresse dos professores, afirma que “a falta de tempo e salas superlotadas como primeira causa do estresse entre os professores” (ZARAGOZA, 1999, p. 145). O autor continua dizendo que “ao estruturar as cinco principais fontes da ansiedade dos professores com experiência, coloca-se em primeiro lugar a falta de tempo, diante das dificuldades com alunos e as classes excessivamente numerosas” (ZARAGOZA, 1999, p. 145).

- Depressão

A evolução do estresse pode ocasionar outras doenças de aspecto emocional como a depressão, quando o magistrado perde o interesse por si, cuidados com a higiene e até outros fatores pessoais, apresentando sentimento de culpa com ideias de morte, disfunção no sono e apetite, dificuldade de concentração, e ausência de interesse sexual, irritação, queda da autoestima, acentuado pessimismo, insônia, cansaço, mudança de apetite, diminuição da iniciativa, redução da concentração, perda da capacidade de tomar decisões (GARCIA, s/d, p. 96).

- Ansiedade

Caracterizado como um alerta, demonstra que problemas estão próximos e serve de base para busca de tratamento. São estímulos específicos que o corpo em resposta envia sinais. Sintomas como sentimento vago, descontente, desagradável e pode surgir acompanhado de vazio, calafrios, coração acelerado, dor de cabeça, transpiração excessiva e falta de ar.

A ansiedade pode evoluir para o pânico e seus transtornos, portanto, requer atenção, pois,

[...] é um sinal de alerta, que serve para avisar sobre um perigo iminente e possibilita a tomada de medidas para enfrentar a ameaça. O medo, um sinal de alerta similar, distingue-se da ansiedade por ser uma resposta a uma ameaça conhecida, externa, definida ou de origem não-conflituosa. A ansiedade é uma resposta a uma ameaça desconhecida, interna, vaga ou de origem conflituosa. (KAPLAN; SADOCK; GREBB, 1994, p. 545)

- Pânico

Para Trintinaglia,

Reflete a situação de vida profundamente desequilibrada que se vive hoje, na sociedade. A alta competitividade as profundas injustiças sociais, a falta de segurança e a crise na área da saúde estabelecem uma relação estreita com o sentimento de abandono, de falta de proteção, de sustentação e de desamparo. As inúmeras separações entre os casais, o novo papel que a mulher está desempenhando e as novas situações familiares acarretam mudanças nas funções e nos lugares que as pessoas ocupam confirmando a falta de garantias. (TRINTINAGLIA, 2001, p. 16)

O docente passa a confundir-se mentalmente, sensações de sufocamento, vertigem, tremores, desmaio, vômitos, desconforto abdominal, variações de temperatura, prevalecendo o medo.

- Transtorno Bipolar

Distúrbio bipolar é uma perturbação caracterizada por variações de humor, com crises de depressão e de mania (euforia), e que afeta quase 1,6% da população mundial e é geralmente diagnosticada na fase jovem. Estas alterações do humor têm importantes repercussões nas sensações, nas emoções, nas ideias e no comportamento da pessoa, com uma perda importante da saúde e na capacidade de relacionamento. (PEREIRA, 2000, p. 25)

2.2. Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT)

Doença ocupacional comum e grave na classe trabalhadora, cujo sintomas apresentados são inflamação dos músculos, dos tendões, dos nervos e articulações dos membros superiores (dedos, mãos, ombros, braços, antebraços e pescoço) causada pelo esforço repetitivo exigido na atividade laboral que requer do trabalhador o uso forçado de grupos musculares, como também, a manutenção de postura inadequada. (MICHEL, 2001, p. 262)

A cobrança por aumento de trabalho é uma das causas dessas doenças ocupacionais. Os DORTs e as LERs são doença comuns junto à Previdência Social e o sexo feminino é o mais atingido. O espaço físico, as ferramentas de trabalho, e também aspectos psíquicos e emocionais, estão ligados a origem dessas doenças. As principais características dessa moléstia é dor crônica, incapacidade de realização de atividades profissionais e sociais, acarretando hostilidade, angústia e depressão.

A evolução da síndrome dificulta a manipulação de estruturas pequenas e a execução de tarefas simples como pregar um botão, enfiar uma agulha, ou segurar uma xícara.

Varella também leciona acerca da bursite,

Bursite é a inflamação da bursa, pequena bolsa contendo líquido que envolve as articulações e funciona como amortecedor entre ossos, tendões e tecidos musculares. A bursite ocorre principalmente nos ombros, cotovelos e joelhos. Os sintomas mais comuns da bursite são: 1) dor; 2) edema (inchaço); 3) inflamação; 4) restrição de movimento. Entre as causas da bursite destacam-se: 1) traumatismos; 2) infecções; 3) lesões por esforço; 4) uso excessivo das articulações; 5) movimentos repetitivos; 6) artrite (inflamação das articulações); 6) gota (depósito de cristais de ácido úrico na articulação). (VARELLA, 2011)

3. REFLEXO DA DORT'S E DOENÇAS PSICOLÓGICAS NO DOCENTE

Diante das doenças apresentadas, muitos são os reflexos sociais, emocionais, no entanto identifica-se que em decorrência das doenças citadas os docentes podem desenvolver outras doenças, dificultado a prática e o trabalho eficiente.

Nesse sentido, busca-se apresentar de forma sucinta duas doenças que cercam o professor, sendo a perda da voz e a síndrome do esgotamento (*burnout*) evidenciando que independente do conhecimento claro das práticas docentes e da utilização das novas tecnologias, o resultado pode ser grave.

3.1. Reflexo na voz

Dartora observa com grande valor os “distúrbios da voz”, eis que segundo ela, “a voz do professor é vulnerável ao tempo e ao uso inadequado, sem cuidados especiais, devendo ser tratada como voz profissional. As condições de sua rotina de vida e trabalho apresentam situações estressantes e fatores de risco para a sua saúde vocal e geral” (DARTORA, 2009, p. 62)

Marques de Lima refere que o “aparelho fonoaudiológico, o sistema responsável pela reprodução da voz, ainda é o mais afetado no professor. Seu desgaste tende a ser muito maior do que em qualquer outra profissão” (MARQUES DE LIMA, 2009, p. 140)

O enfraquecimento da voz (rouquidões) é apresentado pelos profissionais fonoaudiólogos como um dos grandes problemas diagnosticados em docentes. São ocasionadas por mudanças na produção da voz, este o principal instrumento da prática do magistrado, responsável pelo afastamento e/ou aposentadoria precoce.

Há vulnerabilidade da voz do docente ao uso inadequado e ao tempo, e na maioria das vezes, o profissional não tem cuidados especiais com ela, quando, na verdade, deveria ser convencionada como voz profissional. As situações estressantes, rotinas exaustivas, más condições físicas de trabalho, são aspectos importantes para a saúde vocal do professor

Conforme Zambon,

O estudo pôde concluir que professores apresentam múltiplos sinais e sintomas vocais, no presente e no passado, relacionam seus problemas ao uso da voz no trabalho e percebem que um problema de voz afeta sua eficiência na comunicação. Professores percebem, ainda, os importantes efeitos adversos de um problema de voz em seu desempenho profissional e anteveem limitações em seu futuro profissional. A situação pode ser considerada alarmante. (ZAMBON, 2009, p. 48)

Disfonias funcionais estão relacionadas com o mau uso da voz, inaptações vocais e alterações psicoemocionais. Assim, levando em conta que os professores não são orientados acerca do correto uso da voz, e que trabalham com diversos estressores psicoemocionais, evidente é a relação entre o seu labor e a doença.

3.2. Reflexo no esgotamento profissional

A síndrome de esgotamento profissional e também denominada síndrome de *burnout* é uma doença que vem atingindo os magistrados de forma preocupante, acarretando grande preocupação, vista como alarmante e de rápida propagação na educação, pois se caracteriza na total desmotivação do profissional em continuar no magistério. A categoria dos docentes é a mais afetada pela doença.

Segundo Vieira, “a categoria de professores vem sendo apontada como mais propensas ao estresse e a *burnout*. Para Maslach e Jackson revelam que a severidade da SB entre os professores já é, atualmente superior à dos profissionais de saúde, o que coloca o magistério como uma das profissões de mais alto risco” (VIEIRA, 2007, p. 45).

A diferença entre a síndrome de *burnout* é citada por Carlotto,

É importante delimitar conceitualmente *burnout*, estabelecendo limites claros a fim de não poder confundi-lo outros construtos psicológicos, como o estresse e a insatisfação no trabalho. O estresse tem um caráter geralmente agudo, transitório e não necessariamente negativo ou relacionado à situação de trabalho. (VARELLA, 2011, p. 24)

Carlotto reforça, ao fazer referências aos autores Maslach e Goldberg, “professores possuem expectativas de atingir metas um tanto quanto irrealistas, pois pretendem não somente ensinar seus alunos, mas também ajudá-los a resolverem seus problemas pessoais”. A educação, assim, estaria associada à síndrome de *burnout*, “devido ao alto nível de expectativa destes profissionais, o qual não pode ser totalmente preenchido” (MASLACH; GOLDBERG apud CARLLOTO, 1998, p. 24)

Em análise mais aprofundada, a síndrome de *burnout* em professores:

É um fenômeno complexo e multidimensional resultante da interação entre aspectos individuais e o ambiente de trabalho. Este ambiente não diz respeito somente à sala de aula ou ao contexto institucional, mas sim a todos os fatores envolvidos nesta relação, incluindo os fatores macrossociais, como políticas educacionais e fatores sócio-históricos. (MASLACH; GOLDBERG apud CARLLOTO, 1998, p. 24)

Para Keltchtermans (1999, p. 183) “o desenvolvimento profissional não afeta apenas a maneira do professor lidar com as demandas de seu trabalho, mas também seu entendimento e representação de escola e ensino”.

CONCLUSÃO

A prática do docente, quanto profissional da educação e mediador do conhecimento são fundamentais para o desempenho em sala e dos alunos, promovendo novas formulações e mecanismos diferenciados, porém ficou claro durante a pesquisa que o professor necessita conhecer as novas abordagens metodológicas e suas tecnologias, mas o ambiente físico de trabalho, o clima organizacional e o excesso de atividades tornam a assiduidade um problema.

Considerando o primeiro capítulo, foi possível concluir que os métodos de trabalho são essências para alcançar a evidência das doenças ocupacionais, visto que a formação do docente bem amparada e estruturada minimizam os riscos de surgimento de doenças, são bases para um bom funcionamento e que fortalecem os docentes a continuar, mas identifica-se no capítulo seguinte que as problemáticas são maiores.

Sendo assim, conclui-se que todo o corpo docente se movimenta intensa e concomitantemente para a realização das atividades: mãos, braços, olhos, ouvidos, pernas, voz e coluna. Os docentes escrevem, leem, corrigem provas, digitam, falam, cantam, interpretam, escutam, gesticulam, ficam em pé, andam, correm, sentados, curvados e entre outros movimentos. Encontram-se, assim, exaustão emocional e física, acarretando as doenças ocupacionais.

Portanto necessário uma mudança com brevidade de tais ações, pois dificultam, o reconhecimento técnico previdenciário entre a atividade de professor e as doenças ocupacionais. Faz-se necessário que os docentes sejam enquadrados como trabalhadores como os outros, também requer de ginástica laboral, serviço de psicologia e fonoaudiologia, pausas, disponíveis no ambiente de trabalho

Por fim, este estudo ressalta aos docentes que não são seus conhecimentos metodológicos, e as tecnologias que causam tais distúrbios e transtornos, são fatores de cunho institucional, são demasiados processos sem suporte físico e mental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Lynn; NOVA, Cristiane. **A Ciberescrita, as Imagens e a EAD**. In: SILVA, Marco A. Da. Educação Online: Teorias, Práticas, Legislação, Formação Corporativa. Edições Loyola, 2003. p.119 – 134.

BELLONI, Maria Luiza. **A Formação na Sociedade do Espetáculo**. Edições Loyola, 1999.

BRASIL, Lei 9.394/96. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília,1996.

BRASIL, Secretaria de Educação do Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares Nacionais: Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 2002.

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de burnout e o trabalho docente. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.7, ano 2002, p. 22. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a03.pdf>. Acesso: 08 nov. 2017.

DARTORA, Cleci Maria. **Aposentadoria dos professores**. Curitiba: Juruá, 2009.

GARCIA, Gustavo Felipe Barbosa. **Acidentes do trabalho: Doenças ocupacionais**. Cidade: Editora, s/d.

KAPLAN Harold I.; SADOCK Benjamin J.; GREBB Jack A. **Compêndio de Psiquiatria**. 7ª ed. São Paulo: Editora Artmed, 1994.

KELCHTERMANS, G. Teaching career: between burnout and fading away? Reflections from a narrative and biographical perspective. Em Vanderbergue, R. E & Huberman, M. A. (Eds.). **Understanding and preventing teacher burnout: a source book of international practice and research**. Cambridge: Cambridge University Pres., 1999, p. 183.

KENSKI, Vani M. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. Campinas: SP; Papyrus, 2003.

_____. **Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação**. Papyrus; Ed.3, 2007.

KIRNER, C; TORI, R. **Livro do Pré-Simpósio VII Symposium on Virtual Reality**. São Paulo, 19 de outubro de 2004. Disponível em <http://www.ckirner.com/download/capitulos/livro_pre_simp-2004.pdf>. Acesso: 08 nov. 2017.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência**. São Paulo: Ed. 34, 1993.

MARAGON, C.; LIMA, E. Os novos pensadores da educação. **Nova escola**. São Paulo, n. 154, ago. 2002, p. 18-25.

MARQUES DE LIMA, Francisco Gérson (A). **O professor no Direito brasileiro**. São Paulo: Método, 2009.

MASLACH, C.; GOLDBERG, J. **Prevention of burnout: news perspectives**. Applied & Preventive Psychology, 1998.

MICHEL, Osvaldo. **Acidentes do trabalho e doenças ocupacionais**. 2ª Ed. São Paulo: Ltr, 2001.

MORAN, José Manuel. **A Educação que Desejamos: Novos desafios e como chegar lá**. Papyrus; Ed. 2, 2002.

NOGUEIRA, Solange M. do N. **Educação a Distância e a Formação de Educadores**. In: ALVES, Lynn; NOVA, Cristiane (orgs.). **Educação a Distância: uma nova concepção de aprendizado e interatividade**. São Paulo; Ed. Futura, 2003, p.149-163.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1993.

PEREIRA, Luísa. **Os professores como profissão de risco**. Coimbra: Educare, 2000. p. 05. Disponível em: <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2008022.pdf>. Acesso: 09 nov. 2017.

PIMENTA, Selma Garrido. **O Estágio na Formação de Professores: Unidade, Teoria e Prática?** São Paulo: Cortez, Ed. 7, 2006.

SACRISTAN, Gimeno. **O Currículo, uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2000.

SANTOS, Edméa; ALVES, Lynn (org.). **Práticas Pedagógicas e Tecnologias Digitais**. Rio de Janeiro; e-papers, 2006.

SILVA, Marco Antônio. **Educação Online: Teorias, Práticas, Legislação, Formação Corporativa**. Edições Loyola, 2003.

VARELLA, Drauzio. **Síndrome do túnel do carpo**. 2011. Disponível em: <http://www.drauziovarella.com.br/Sintomas/250/sindrome-do-tuneldo-carpo>. Acesso: 09 nov. 2017.

_____. **L.E.R.** 2011. Disponível em no site <http://www.drauziovarella.com.br/ExibirConteudo/2342/l-e-r>. Acesso: 09 nov. 2017.

TRINTINAGLIA, Suzymara. **Síndrome do pânico: Cenas do corpo**. Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

VIEIRA, Helen Paola. **Estresse ocupacional, síndrome de bournout e hardiness em professores de colégio militar** (dissertação). Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestrado em Psicologia. Campo Grande/MS, 2007, p. 45. Disponível em: http://www.tede.ucdb.br/tde_arquivos/3/TDE-20080717T134413Z84/Publico.pdf. Acesso: 08 nov. 2017.

ZAMBOM, Fabiane. Para afinar o instrumento. In: **Revista Conteúdo**. 1º semestre de 2009. Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimento de Ensino, 2009.

ZARAGOZA, José Manuel Esteve. **O mal-estar docente**. Traduzido por Durley de Carvalho Cavicchia. 3ª ed. Bauru/SP: Editora EDUSC, 1999.